FUNDAÇÃO CULTURAL
CASSIANO RICARDO

Saudação às Yabás - Entre o sagrado e a memória, a ancestralidade que mantém vivos os caminhos

Por Bob Sousa[1]

A construção da visualidade de “Saudação às Yabás”, do Cardim de Histórias, encontra sua força na capacidade de transformar o palco em um território de ancestralidade, memória e reverência às divindades femininas da mitologia africana. Na apresentação realizada no Teatro do SESI, durante a 40ª edição do Festivale, a encenação articula contação de histórias, percussão, teatro e corporeidade para estabelecer uma experiência cênica que aproxima o universo mítico das Yabás das trajetórias de mulheres reais, mães, avós, benzedeiras, lavadeiras, pescadoras, costureiras e tantas outras que, com seus saberes e trabalhos, sustentam a continuidade da vida. Mais do que representar essas figuras, o espetáculo procura invocá-las, fazendo da cena um espaço de reconhecimento daquelas que vieram antes e abriram caminhos.

As cortinas brancas, dispostas verticalmente como grandes pilares, constituem uma das imagens mais expressivas da composição cenográfica. Sua organização estabelece uma arquitetura simbólica que remete à espacialidade de um terreiro, criando passagens, limites e zonas de acolhimento. O branco confere ao ambiente uma atmosfera de espiritualidade e recolhimento, enquanto a disposição dos tecidos sugere uma espécie de templo cênico, no qual a presença dos artistas se inscreve em uma dimensão ritualística. Não se trata apenas de delimitar o espaço da representação, mas de construir visualmente um território de pertencimento, onde o sagrado e o cotidiano, a memória individual e a ancestralidade coletiva podem coexistir.

Nesse espaço, o altar assume uma função central na organização dos sentidos. Sua

[1]**Bob Sousa é fotógrafo, pesquisador e doutorando em Artes Cênicas no Instituto de Artes da Unesp (com orientação da Profª Drª Simone Carleto Fontes), onde também obteve o título de mestre em Artes (com orientação do Profº Drº Alexandre Mate). É jurado de Teatro da APCA – Associação Paulista de Críticos de Artes – e de Artes Visuais do Prêmio Arcanjo de Cultura. Autor do livro Retratos do teatro (Editora Unesp).**

presença introduz uma referência à religiosidade de matriz africana e estabelece uma relação de respeito e conexão com as entidades evocadas. O objeto ultrapassa sua dimensão cenográfica para adquirir uma qualidade simbólica, tornando-se ponto de convergência das ações e das imagens. O palco passa, assim, a operar como um lugar de saudação e oferenda, no qual os elementos visuais não estão a serviço de uma ilustração das narrativas, mas participam da construção de uma experiência de aproximação com os universos culturais e espirituais apresentados.

Uma das escolhas mais significativas da encenação está na incorporação dos vídeos com os relatos das mães dos artistas. A presença dessas mulheres, por meio de suas próprias vozes e imagens, estabelece uma ponte entre as divindades da mitologia africana e as figuras femininas que constituem a memória afetiva dos intérpretes. O recurso audiovisual ganha dimensão dramatúrgica ao trazer para dentro do espaço teatral histórias reais, experiências de vida e lembranças que ampliam o sentido das narrativas míticas. As mães deixam de ser apenas referências biográficas dos artistas para se tornarem presenças fundamentais na construção de uma memória coletiva. Suas vozes atravessam a cena e conferem materialidade à ideia de ancestralidade, aproximando as Yabás das mulheres que, muitas vezes longe dos registros oficiais, transmitiram conhecimentos, valores e formas de resistência.

Há, nessa escolha, um gesto de grande delicadeza e também de afirmação política. Ao conceder visibilidade às histórias dessas mulheres, o espetáculo reconhece a importância de saberes historicamente transmitidos no interior das famílias e das comunidades. A projeção não funciona como um elemento decorativo ou como simples ilustração documental, mas como uma extensão da própria dramaturgia, colocando em diálogo a presença física dos artistas e a presença audiovisual de suas mães. O palco torna-se, desse modo, um lugar de encontro entre gerações, no qual as imagens projetadas não substituem os corpos presentes, mas ampliam as possibilidades de escuta e reconhecimento.

A relação entre as tecnologias ancestrais e as novas tecnologias constitui outro aspecto importante da elaboração estética. A oralidade, a percussão, o canto, o gesto e a

corporeidade são compreendidos como tecnologias de transmissão de conhecimento, sistemas de preservação da memória que atravessam gerações e mantêm vivos os saberes de matriz africana. Ao incorporar os recursos audiovisuais, especialmente os vídeos com os relatos das mães dos artistas, a encenação estabelece um diálogo entre essas formas tradicionais de transmissão e as possibilidades contemporâneas de registro e compartilhamento de imagens. A tecnologia digital não aparece como elemento estranho ao universo ritualístico, mas como instrumento capaz de prolongar a presença das vozes ancestrais. É justamente nesse encontro que reside uma das qualidades da proposta: reconhecer que a ancestralidade não é uma tradição imobilizada no passado, mas um conhecimento vivo, que se transforma e encontra novas maneiras de circular sem perder sua identidade. As imagens projetadas tornam-se extensões da memória, enquanto os corpos presentes reafirmam a dimensão coletiva e comunitária dessa transmissão.

A atuação de Fabiana Souza e Jhonatan Cardim, que também assinam a dramaturgia ao lado de Marcos Fogaça, articula a palavra narrada à expressividade corporal, criando uma dinâmica em que os intérpretes não apenas contam as histórias, mas parecem convocar as presenças que habitam suas narrativas. A percussão de Bar acrescenta uma dimensão rítmica fundamental, estabelecendo uma pulsação que aproxima a experiência teatral de uma celebração coletiva. A preparação corporal de Oyámàbôji também integra a construção desse vocabulário expressivo, no qual corpo e musicalidade participam da elaboração dos sentidos. A direção de cena de Marcos Fogaça encontra na economia dos elementos e na integração das diferentes linguagens um caminho para sustentar a dimensão simbólica da encenação.

A cenografia de Miguel Barba, responsável também pela contrarregra, e o figurino de Talita Santoz contribuem para a composição de um universo visual que não procura reproduzir literalmente um espaço religioso, mas evocar suas referências por meio de signos, texturas e disposições simbólicas. A iluminação, também assinada por Marcos Fogaça, participa da organização desse ambiente, enquanto a dramaturgia compartilhada entre Fabiana Souza, Jhonatan Cardim e Marcos Fogaça articula as narrativas míticas às memórias familiares e afetivas. A produção executiva de Jhonatan Cardim completa a realização do trabalho.

O que mais me interessa em “Saudação às Yabás” é a maneira como a encenação transforma a memória em matéria visual e presença cênica. As cortinas brancas como pilares, o altar, os corpos em movimento, a percussão e as imagens das mães constituem diferentes camadas de uma mesma arquitetura simbólica. Não são elementos isolados, mas partes de uma composição que procura estabelecer uma relação entre aquilo que herdamos e aquilo que escolhemos preservar. O espetáculo compreende que a ancestralidade também se manifesta nos gestos cotidianos, nas histórias transmitidas dentro de casa, nas mãos que trabalham, nas vozes que aconselham e nos corpos que carregam experiências de outras gerações.

Há, nessa perspectiva, uma dimensão política que ultrapassa a homenagem. Ao colocar em evidência as mulheres que historicamente sustentaram a transmissão dos conhecimentos e a organização da vida comunitária, a montagem questiona o apagamento de suas contribuições e reivindica outras formas de reconhecimento da memória. As Yabás deixam de ser apenas personagens de uma mitologia para se tornarem referências de força, resistência, cuidado e transformação, encontrando correspondência nas mulheres que atravessam a história dos próprios artistas.

Saudar as Yabás é também reconhecer que a história não começa em nós. O espetáculo encontra nessa compreensão sua principal potência poética: fazer do palco um lugar onde as vozes do passado não são lembradas apenas como vestígios, mas permanecem vivas, dialogando com o presente e abrindo possibilidades para o futuro. Entre as tecnologias ancestrais da oralidade e as novas tecnologias audiovisuais, entre o terreiro simbólico e o espaço teatral, entre as divindades e as mulheres reais, a encenação constrói uma experiência de pertencimento. Um gesto de reverência que transforma a representação em reconhecimento e a memória em continuidade.